

# I ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

UMA CIDADE EM ESCAVAÇÃO

Teatro Aberto  
26, 27 e 28  
Nov. de 2015



# I ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

UMA CIDADE EM ESCAVAÇÃO

Teatro Aberto  
26, 27 e 28  
Nov. de 2015

Lisboa, 2017



Título:

*/ Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação  
(Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*

Coordenação editorial:

Ana Caessa

Cristina Nozes

Isabel Cameira

Rodrigo Banha da Silva

Design gráfico do Encontro:

João Rodrigues, Ana Filipa Leite

Design gráfico e composição do Livro de Resumos e das Atas:

Rui Roberto de Almeida

Edição:

CAL/DPC/DMC/CML

*Centro de Arqueologia de Lisboa / Departamento de Património Cultural /*

*Direção Municipal de Cultura / Câmara Municipal de Lisboa*

Impressão:

*Livro de Resumos* - Imprensa Municipal / Câmara Municipal de Lisboa

CD Atas - MPO (Portugal)

Tiragem: 450 exemplares

ISBN: *Livro de Resumos* - 978-972-8543-45-7 / *Atas* - 978-972-8543-46-4

Depósito Legal: 433151/17

Advertências:

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. O Centro de Arqueologia de Lisboa declina qualquer responsabilidade por equívocos ou questões de ordem ética e legal.

O cumprimento, ou não, do Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa de 1990 (em vigor desde 2009), assim como as traduções para a língua inglesa, são unicamente da responsabilidade dos autores de cada texto.

Os direitos de autor da obra são extensíveis a todos os documentos, impressos ou manuscritos, com tratamento digital de imagem, nela publicados. Assim, toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a autorização escrita dos autores, ou dos seus representantes legais, nos termos da lei vigente, nomeadamente o Código do Direito de Autor e Direitos Conexos. Em power-points, a reprodução de imagens ou de partes do texto é permitida, com a condição de origem e autoria do texto e das imagens serem expressamente indicadas no diapositivo em que é feita a reprodução.

Para intercâmbio (on prie l'échange, exchange accepted):

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa

Av. da Índia 166, 1400-207 LISBOA, Portugal

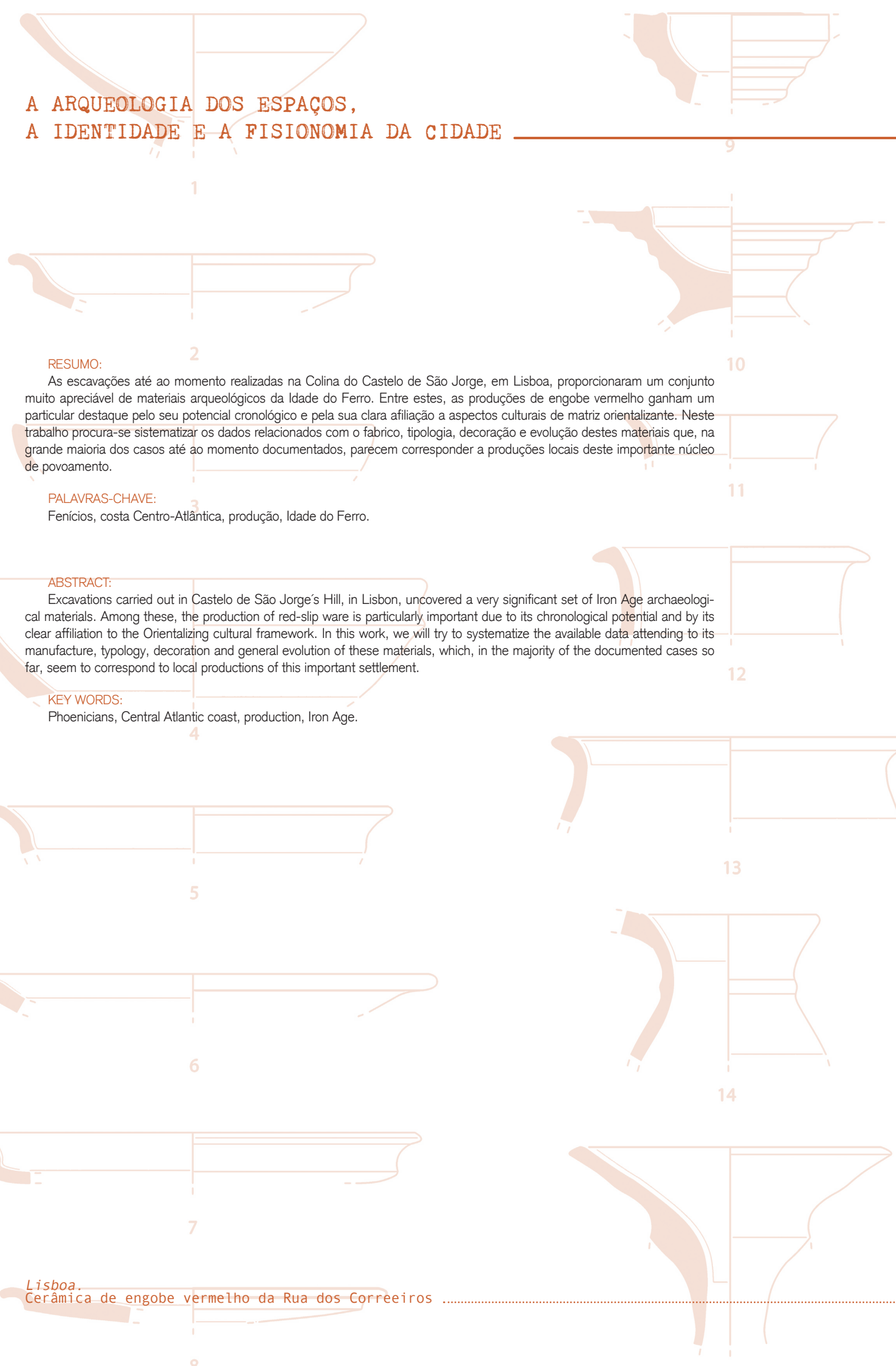
# ÍNDICE

Prefácio .....	9
Introdução .....	11
Comissão .....	13
<b>1. A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO DO MUNICÍPIO DE LISBOA .....</b>	<b>14</b>
1. A ARQUEOLOGIA DO SÍTIO DE LISBOA: UM (NOVO) BALANÇO CRÍTICO, VINTE E UM ANOS DEPOIS Carlos Fabião .....	16
2. O SÍTIO NEO-CALCOLÍTICO DA TRAVESSA DAS DORES (AJUDA-LISBOA) Nuno Neto, Paulo Rebelo, João Luís Cardoso .....	24
3. UM SÍTIO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE EM PEDROUÇOS (BELÉM, LISBOA) Anabela Castro, Victor Filipe, João Paulo Barbosa .....	38
4. RESULTADOS PRELIMINARES DA PRESENÇA PRÉ-ROMANA NO PÁTIO JOSÉ PEDREIRA (RUA DO RECOLHIMENTO/BECO DO LEÃO, LISBOA) Anabela Joaquinito .....	48
5. LOUÇA “DE FORA” EM CARNIDE (1550-1650). ESTUDO DO CONSUMO DE CERÂMICA IMPORTADA Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida, Ana Margarida Moço .....	56
<b>2. A CIDADE MANUFATUREIRA E INDUSTRIAL .....</b>	<b>68</b>
2. RUA DE SANTIAGO, LISBOA: TANQUES ROMANOS NA REQUALIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO SITO NO N.º 10-14 João Miguez, Alexandre Sarrazola .....	70
3. OBJECTOS PRODUZIDOS EM MATÉRIAS DURAS DE ORIGEM ANIMAL, DO CONVENTO DE SANTANA, DE LISBOA Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves .....	84
4. CERÂMICA MODERNA DE LISBOA: PROPOSTA TIPOLÓGICA Jacinta Bugalhão, Inês Pinto Coelho .....	106
5. EVIDÊNCIAS DE PRODUÇÃO OLEIRA DOS FINAIS DO SÉCULO XVI A MEADOS DO SÉCULO XVII NO LARGO DE JESUS (LISBOA) Guilherme Cardoso, Luísa Batalha .....	146
6. UMA INTERVENÇÃO EM PLENO BAIRRO DAS OLARIAS: NOVOS DADOS SOBRE A PRODUÇÃO OLEIRA NO SÉCULO XVII Inês Mendes da Silva, Marina Pinto .....	146

<b>3. A ARQUEOLOGIA DOS ESPAÇOS, A IDENTIDADE E A FISIONOMIA DA CIDADE</b> .....	<b>190</b>
1. MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO: UM MUSEU E UM MONUMENTO ROMANO NA CIDADE Lídia Fernandes .....	192
2. A CERÂMICA DE ENGOBE VERMELHO DE LISBOA Elisa de Sousa .....	212
3. DADOS PRELIMINARES DE UMA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NOS ANTIGOS ARMAZÉNS SOMMER, LISBOA (2014-2015) - TRÊS MIL ANOS DE HISTÓRIA DA CIDADE DE LISBOA Ricardo Ávila Ribeiro, Nuno Neto, Paulo Rebelo, Miguel Rocha .....	222
4. AS TERMAS ROMANAS ÀS PORTAS DE ALFAMA Vanessa Filipe, Raquel Santos .....	246
5. A CERÂMICA COMUM DE PRODUÇÃO LOCAL E REGIONAL DO NÚCLEO ARQUEOLÓGICO DA RUA DOS CORREIROS, LISBOA. OS CONTEXTOS FABRIS Carolina Grilo .....	254
6. PRESENÇA DA OCUPAÇÃO ROMANA NO ALJUBE DE LISBOA Clementino Amaro, Eurico de Sepúlveda .....	272
7. A CERCA FERNANDINA: DAS PORTAS DE STA. CATARINA AO POSTIGO DO DUQUE - LISBOA Nuno Neto, Paulo Rebelo, Vanessa Mata .....	286
8. INDAGAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA MURALHA ANTIGA DE LISBOA: O LANÇO ORIENTAL ENTRE A ALCÁÇOVA DO CASTELO E O MIRADOURO DE SANTA LUZIA Marina Carvalhinhos, Nuno Mota, Pedro Miranda .....	298
9. PERSPECTIVAS ARQUEO-BIOLÓGICAS SOBRE A NECRÓPOLE ISLÂMICA DE ALFAMA Vanessa Filipe, Alice Toso, Joana Inocêncio .....	338
10. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO ÂMBITO DO PROJECTO DE ARQUITECTURA “APARTAMENTOS PEDRAS NEGRAS” (LISBOA) Sofia de Melo Gomes, Mónica Ponce, Victor Filipe .....	348
11. UMA APROXIMAÇÃO AO ESPAÇO VIVENCIAL DA CASA DOS BICOS: A CULTURA MATERIAL DE UMA LIXEIRA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVIII Inês Pinto Coelho, Tiago Silva, André Teixeira .....	366
12. CASA DA SEVERA, MEMÓRIAS ARQUEOLÓGICAS DE UM ESPAÇO (LARGO DA SEVERA N.º 2, MOURARIA, LISBOA) Ana Caessa, António Marques, Nuno Mota .....	386
13. RUA DO COMÉRCIO Nº 1 A 13, LISBOA: METAMORFOSE ESPACIAL Alexandra Krus, Isabel Cameira, Márcio Martingil .....	414
14. TESTEMUNHOS ARQUEOLÓGICOS NA RUA DO JARDIM DO REGEDOR Nº 10 A 32, LISBOA Márcio Martingil .....	426
15. OBJECTOS DO QUOTIDIANO NUM POÇO DO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS Carlos Boavida .....	440

16. FRAGMENTOS DA MESA NOBRE DE UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: PORCELANA CHINESA NUM CONTEXTO DE TERRAMOTO DA PRAÇA DO COMÉRCIO (LISBOA) Sara Ferreira, César Neves, Andrea Martins, André Teixeira .....	458
17. NAVIOS DE ÉPOCA MODERNA EM LISBOA: BALANÇO E PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO José Bettencourt, Cristóvão Fonseca, Tiago Silva, Patrícia Carvalho, Inês Coelho, Gonçalo Lopes .....	478
18. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SEISCENTISTA: O BALUARTE DO TERREIRO DO PAÇO César Neves, Andrea Martins, Gonçalo Lopes .....	496
19. A RAMPA DOS ESCALERES REAIS DA CORDOARIA NACIONAL: PRIMEIROS SINAIS DO FIM DO IMPÉRIO Mónica Ponce, Marta Lacasta Macedo, Alexandre Sarrazola, Teresa Alves de Freitas .....	510
Lista de Abreviaturas .....	516
Autores .....	517
Participantes .....	518

# A ARQUEOLOGIA DOS ESPAÇOS, A IDENTIDADE E A FISIONOMIA DA CIDADE



## RESUMO:

As escavações até ao momento realizadas na Colina do Castelo de São Jorge, em Lisboa, proporcionaram um conjunto muito apreciável de materiais arqueológicos da Idade do Ferro. Entre estes, as produções de engobe vermelho ganham um particular destaque pelo seu potencial cronológico e pela sua clara afiliação a aspectos culturais de matriz orientalizante. Neste trabalho procura-se sistematizar os dados relacionados com o fabrico, tipologia, decoração e evolução destes materiais que, na grande maioria dos casos até ao momento documentados, parecem corresponder a produções locais deste importante núcleo de povoamento.

## PALAVRAS-CHAVE:

Fenícios, costa Centro-Atlântica, produção, Idade do Ferro.

## ABSTRACT:

Excavations carried out in Castelo de São Jorge's Hill, in Lisbon, uncovered a very significant set of Iron Age archaeological materials. Among these, the production of red-slip ware is particularly important due to its chronological potential and by its clear affiliation to the Orientalizing cultural framework. In this work, we will try to systematize the available data attending to its manufacture, typology, decoration and general evolution of these materials, which, in the majority of the documented cases so far, seem to correspond to local productions of this important settlement.

## KEY WORDS:

Phoenicians, Central Atlantic coast, production, Iron Age.

Elisa de Sousa

*Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras,  
Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
e.sousa@campus.ul.pt*

### 1. Introdução

No quadro da investigação sobre a Idade do Ferro no território peninsular a cerâmica de engobe vermelho ocupou, desde sempre, um papel de indiscutível importância. A sua clara relação com horizontes culturais de matriz orientalizante e o seu potencial na aferição de balizas cronológicas específicas foram apenas dois dos principais factores que transformaram estes elementos num objecto de estudo privilegiado face aos restantes componentes da cultura material.

São já vários os ensaios tipológicos que procuraram sistematizar as características e a evolução destes materiais no Ocidente Peninsular, remontando às primeiras propostas de E. Cuadrado (1953, 1962, 1969), seguindo-se, entre outros, os trabalhos de M. Tarradel (1958, 1960), H. Schubart (1976), M. E. Aubet (1976), I. Nequerela (1979-1980), G. Maass-Lindenmann (1982, 1983, 1986, 1990, 1997), P. Rufete Tomico (1988-1989), J. Mancebo Dávalos (1996) e M. Almagro-Gorbea, A. Mederos Martín e M. Torres Ortíz (2008). Os resultados destes múltiplos estudos têm permitido compreender que a cerâmica de engobe vermelho exibe características diferenciadas de acordo com as áreas culturais da sua produção, incorporando repertórios morfológicos e balizas cronológicas que variam de acordo com os respectivos horizontes geográficos.

O incremento da investigação sobre o período síderico no Ocidente Atlântico e, em concreto, na foz do estuário do Tejo, permitiu reconhecer que as cerâmicas de engobe vermelho desta região correspondem, na sua esmagadora maioria, a fabricos locais (ARRUDA, 1999-2000; CALADO *et alii*, 2013b; PIMENTA, SOUSA, AMARO, 2015; SOUSA, 2014). Como tal, e apesar da existência de alguns padrões evolutivos similares com os verificados em outras áreas da Península Ibérica, estes

materiais adquirem, aqui, certas particularidades tipológicas e técnicas que individualizam estas produções.

Neste trabalho procura-se realizar uma primeira tentativa de sistematização das produções de engobe vermelho da foz do Estuário do Tejo, com particular ênfase para o repertório artefactual actualmente disponível para a cidade de Lisboa. Este destaque justifica-se, sobretudo, pelo facto de os dados recolhidos ao longo das várias escavações realizadas em área urbana, durante as últimas décadas, terem permitido reunir um acervo documental particularmente significativo para o estudo da evolução e caracterização desta categoria cerâmica ao longo da Idade do Ferro.

### 2. Fabricos

As características de fabrico da cerâmica de engobe vermelho da zona de Lisboa mantêm-se relativamente constantes ao longo de toda a sua produção.

As pastas, de tons castanhos ou castanho-alaranjados, são de natureza não calcária, cozidas em modo A, sendo geralmente compactas, de fractura regular e por norma bem depuradas (cerca de 5% de elementos não plásticos). A observação macroscópica, auxiliada pela utilização de uma lupa de 15 aumentos, permitiu a identificação de abundantes moscovites e calcites e raras biotites, partículas de quartzo, anfíbolos e nódulos ferruginosos, todos geralmente de pequena dimensão, para além de escassas piroxenas de tamanho um pouco superior<sup>1</sup>.

Os engobes são, em geral, de boa qualidade, sendo relativamente espessos e aderentes. A sua coloração é, em grande parte dos casos, de tons avermelhados

<sup>1</sup> Agradeço ao Dr. João Araújo-Gomes pelo auxílio na caracterização das pastas.

que podem, contudo, apresentar variações mais acastanhadas ou alaranjadas. Uma característica particular das produções da área de Lisboa, que se observa ainda durante o período orientalizante, é a aplicação de um engobe ou aguada esbranquiçada que reveste por vezes a área externa de alguns recipientes, nas zonas onde não é aplicada a pintura vermelha.

A homogeneidade que se verifica ao nível do fabrico indica que os centros produtores destas cerâmicas, que provavelmente se dedicariam também a outras categorias, se abasteceram das mesmas matérias primas e partilharam técnicas muito similares (preparação das argilas, protótipos morfológicos, acabamentos, etc.), sendo muito provável a sua localização no interior ou nas imediações da antiga *Olisipo*. Infelizmente, não dispomos de dados mais específicos sobre este tema, à excepção de algumas informações sobre a existência de uma possível zona de produção localizada na área do Castelo de São Jorge, sendo actualmente visíveis, no respectivo Núcleo Museológico, alguns pratos deformados, que podem corroborar essa possibilidade. A sua morfologia indica, contudo, que se trata de uma produção relativamente tardia, talvez localizada em momentos avançados do século VI a.C. ou mesmo na centúria seguinte. Uma outra evidência que deve ser indicada é a existência, já na zona mais periférica da cidade, na actual Rua dos Correiros, de uma estrutura que poderá ter sido utilizada para a produção de cerâmicas durante os meados do 1º milénio a.C., ainda que tal funcionalidade possa ser discutível (SOUSA, 2014, pp. 85-86).

### 3. As produções do período orientalizante

A introdução da cerâmica de engobe vermelho no repertório artefactual da antiga cidade de Lisboa é um fenómeno que parece ocorrer apenas em momentos tardios do século VIII a.C. ou inícios da centúria seguinte, coincidindo com o momento inicial da presença de "agentes" fenícios ocidentais nesta área.

Com efeito, é nos contextos mais antigos da Idade do Ferro de Lisboa, identificados nas escavações realizadas na Rua de São Mamede ao Caldas (PIMENTA, SILVA, CALADO, 2014), que se reconheceu a presença de formas relativamente antigas desta categoria cerâmica, em concreto pratos de lábio estreito, enquadáveis no tipo P1 de RUFETE TOMICO (1988-1989), e taças de bordo ligeiramente invertido, decoradas com caneluras, do tipo C1 (PIMENTA, SILVA, CALADO, 2014, p. 728). É ainda provável que algumas taças de perfil carenado, possivelmente aparentadas com o tipo C3a de Rufete Tomico, possam também estar presentes durante este primeiro momento (PIMENTA, SILVA, CALADO, 2014, fig. 6 - n.º 9).

Este repertório inicial irá perdurar durante a fase posterior, pelo que o seu valor cronológico depende sempre de uma rigorosa análise contextual. Com efeito, e tal como ocorre na zona de Huelva (RUFETE TOMICO, 1988-89, pp. 376-378), formas idênticas surgem em contextos mais tardios, datados em momentos mais avançados do século VII e VI a.C., estando, nestes casos, já associadas a outras morfologias.



Figura 1 - Indicação dos vários locais citados no texto: 1. Castelo de São Jorge; 2. Rua do Recolhimento; 3. Pátio do Aljube/Teatro Romano; 4. Rua da Madalena; 5. Rua dos Correiros; 6. Rua de São João da Praça; 7. Travessa do Chafariz d'El Rei; 8. Casa dos Bicos; 9. Sé de Lisboa; 10. Rua de São João da Praça; 11. Rua da Judiaria).

Ao nível dos pratos de cerâmica de engobe vermelho, é a partir deste momento que se verifica a presença de diâmetros mais amplos, associados geralmente a um lábio de maior dimensão, que podem ser equiparados aos tipos P2 e P3 de Rufete Tomico, apesar de poderem surgir ainda alguns exemplares do tipo P1. São já múltiplas as peças integráveis nestas morfologias, que surgem no "contexto 2" da Rua de São Mamede ao Caldas (PIMENTA, SILVA, CALADO, 2014, fig. 8 - n.º 27), na Travessa do Chafariz d'El Rei, (FILIFE, CALADO, LEITÃO, 2014, fig. 7 - n.º 5 e 6), no Pátio do Aljube (FERNANDES *et alii*, 2013 - fig. 14 - n.º 14 a 18), na Sé de Lisboa (ARRUDA, 1999-2000, fig. 69 a 71), na Rua da Madalena (SOUSA, SARRAZOLA, SIMÃO, 2016), na Rua do Recolhimento (SOUSA, PINTO, 2016), na Casa dos Bicos (PIMENTA, SOUSA, AMARO, 2015 - fig. 8) e no Teatro Romano (CALADO *et alii*, 2013b) ainda que, nestes últimos dois casos, os exemplares não provenham de contextos arqueológicos primários. É ainda importante destacar a existência, entre os conjuntos recolhidos no Pátio do Aljube (FERNANDES *et alii*, 2013, fig. 14 - n.º 19) e na Casa dos Bicos (PIMENTA, SOUSA, AMARO, 2015, fig. 8 - n.º 19), de pratos que exibem um sulco bem marcado na área externa do bordo, uma característica muito típica das zonas mais meridionais da Península Ibérica durante os momentos finais do século VII a.C. e na centúria seguinte (FERNANDEZ FLORES, RODRIGUEZ, 2007; ROUILLARD, GALLEIDRAT, SALA, 2007; TORRES ORTÍZ *et alii*, 2014).

É também no século VII a.C., provavelmente a partir dos seus meados, que observamos uma maior variedade morfológica no grupo das taças. Surgem recipientes de perfil carenado e bordo côncavo ou de tendência vertical, equiparáveis, respectivamente, aos tipos C3b e C3c de RUFETE TOMICO (1988-1989). Este tipo está presente na fase mais recente da Rua de São Mamede ao Caldas (PIMENTA, SILVA, CALADO, 2014, fig. 8 - n.º 25 e 26), no Pátio do Aljube (FERNANDES *et alii*, 2013, fig. 15 - n.º 25 a 27), na Sé de Lisboa (ARRUDA, 1999-2000, fig. 66 e 67) e na Rua da Judiaria (CALADO *et alii*, 2013a - fig. 4 - n.º 166), apesar de, neste caso, o engobe apresentar uma tonalidade alaranjada. Materiais de idênticas morfologias surgem ainda em contextos secundários escavados na Casa dos Bicos (PIMENTA, SOUSA, AMARO, 2015 - fig. 9 - n.º 22 a 25), no Teatro Romano (CALADO *et alii*, 2013b) e na Travessa do Chafariz d'El Rei (FILIFE, CALADO, LEITÃO, 2014, fig. 9 - n.º 6 e fig. 10 - n.º 4). Deve ainda assinalar-se o desenvolvimento pronunciado das carenas no quadro destas produções de engobe vermelho da área de Lisboa, como se observa em alguns exemplares da Sé de Lisboa (ARRUDA, 1999-2000, fig. 67 - n.º 10; fig. 72 - n.º 6), do Pátio do Aljube (FERNANDES *et alii*, 2013, fig. 15 - n.º 27), do Teatro de Lisboa (CALADO *et alii*, 2013b, fig. 5 - n.º 31 e 32) e da Casa dos Bicos (PIMENTA, SOUSA, AMARO, 2015, fig. 9 - n.º 22 e 24).

Um outro tipo formal, que integra as tigelas de perfil hemisférico, que dominam o repertório de outras categorias cerâmicas, como é o caso das produções comuns e das cinzentas, é relativamente mais raro em Lisboa. Em cerâmica de engobe vermelho, esta forma, equiparável ao tipo C4 de Rufete Tomico, foi reconhecida apenas na

Rua da Judiaria (CALADO *et alii*, 2013a, fig. 6 - n.º 348), ainda que, mais uma vez, o engobe seja de tonalidade alaranjada. Apesar de desprovidas de contexto primário, estes recipientes surgem também na Casa dos Bicos (PIMENTA, SOUSA, AMARO, 2015, fig. 9 - n.º 21).

Outras morfologias são menos recorrentes nos contextos sidéricos da cidade de Lisboa, merecendo, ainda assim, algum destaque.

É o caso de alguns pratos que exibem bordos mais aplanados e uma maior sinalização da depressão central, que surgem nos conjuntos recuperados na Sé de Lisboa (ARRUDA, 1999-2000, fig. 70 - n.º 10) e no Pátio do Aljube (FERNANDES *et alii*, 2013, fig. 14 - n.º 22), características que poderão associar-se a momentos tardios da produção, possivelmente em torno à segunda metade do século VI a.C., e passíveis de serem interpretadas no quadro de uma evolução regional.

Outros exemplares semelhantes, que se distinguem pela presença de uma carena muito bem marcada na área externa, bordo aplanado e lábio ligeiramente pendente surgem também com alguma frequência, como ocorre nos contextos mais inferiores da Rua da Judiaria (CALADO *et alii*, 2013a, fig. 7 - n.º 145; fig. 8 - n.º 189), no Teatro Romano (CALADO *et alii*, 2013b, fig. 3 - n.º 9 e 10) e na Sé de Lisboa (ARRUDA, 1999-2000, fig. 66 - n.º 9; fig. 72 - n.º 5). Dada a ausência de perfis completos, é difícil determinar se estes recipientes se integram no grupo de taças ou se correspondem a uma evolução específica de pratos, ainda que a sua escassa profundidade possa ser considerada como um indicador da segunda hipótese. De qualquer forma, parece tratar-se também de um desenvolvimento característico das produções da área de Lisboa, que surge ainda durante o período orientalizante, e que possivelmente irá dar origem às páteras de pé alto características dos meados do 1º milénio a.C.

As formas fechadas são consideravelmente mais raras no repertório da cerâmica de engobe vermelho de Lisboa, e a sua identificação está condicionada pela dificuldade na sua distinção face a outros recipientes com decoração pintada. Com efeito, os mesmos tipos de engobes que são aplicados no repertório do serviço de mesa surgem também como elemento decorativo em várias outras formas, em concreto em contentores anfóricos e vasos de armazenamento. Com frequência, quando se analisam conjuntos fragmentados, que são uma constante em escavações de áreas de *habitat*, torna-se difícil de determinar a categoria a que pertenceram muitos dos fragmentos de formas fechadas com decoração pintada. Por outro lado, esta mesma distinção, cujo uso facilita a divisão de diferentes categorias no quadro da investigação arqueológica, não faria, provavelmente, qualquer sentido na perspectiva dos oleiros que produziram estas peças. Ainda assim, a presença, em algumas morfologias, de vastas áreas revestidas com engobe vermelho, permite a inclusão de mais algumas formas no repertório da cidade de Lisboa. É o caso de dois pequenos potes que exibem um corpo globular e bordo esvertido, exumados no decurso das escavações da Sé de Lisboa (ARRUDA, 1999-2000, fig. 68 - n.º 1 e 2). O engobe é aplicado externamente em ambos os exemplares, estando apenas em um dos casos na zona interior. Trata-se de uma morfologia bem conhecida no quadro das produções locais de

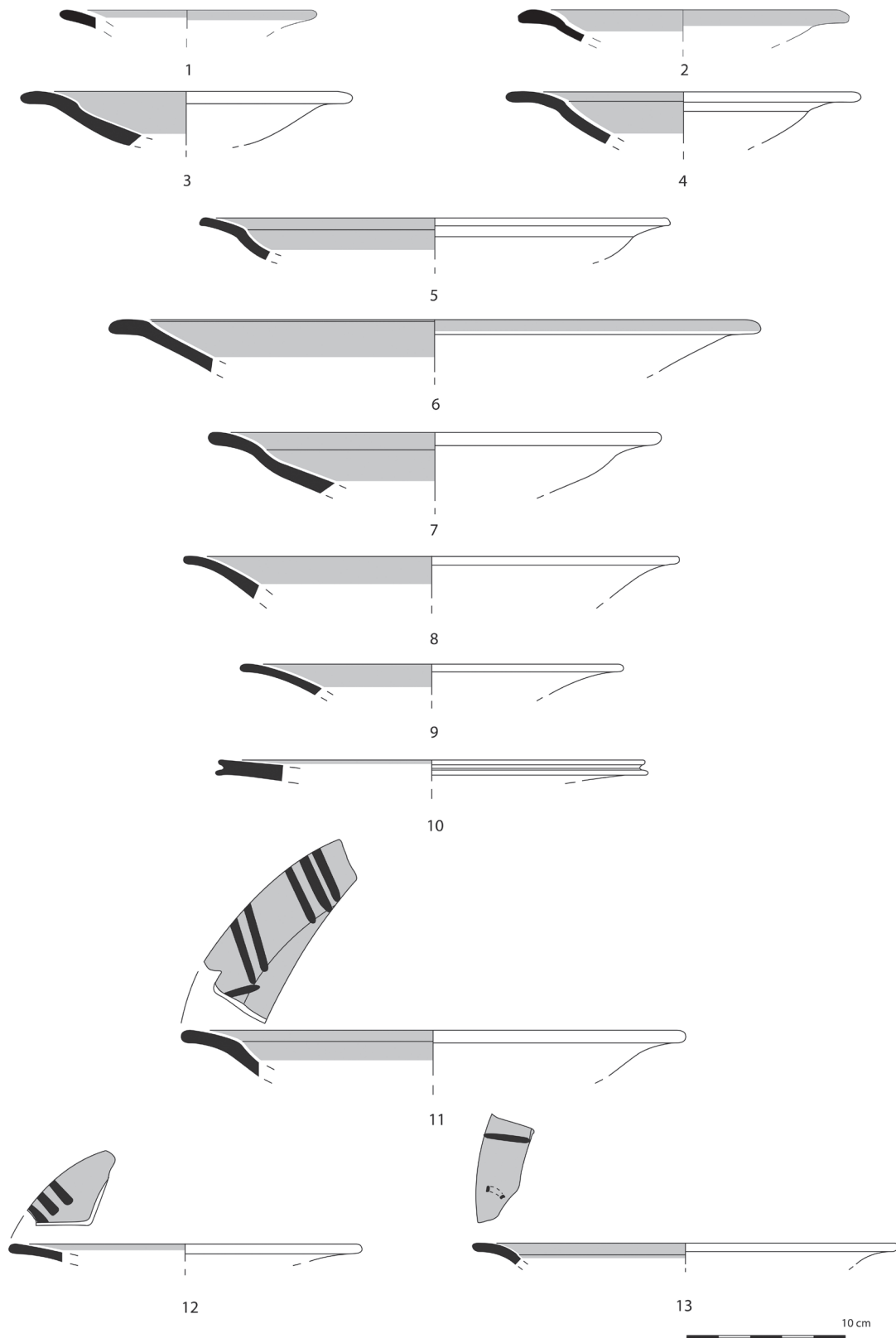


Figura 2 - Pratos de cerâmica de engobe vermelho de Lisboa. Tipo P1, n.º 1 a 4; P2, n.º 5 a 7; P3, n.º 8 e 9; prato de bordo bifido, n.º 10; pratos com decoração de linhas negras sobre o bordo, n.º 11 a 13) (segundo Arruda, 1999-2000; Fernandes *et alii*, 2013; Filipe, Calado, Leitão, 2014; Pimenta, Silva, Calado, 2014; Pimenta, Sousa, Amaro, 2015; modificado).

cerâmica cinzenta (ARRUDA, 1999-2000, fig. 81 - n.º 4; ARRUDA, FREITAS, VALLEJO SANCHEZ, 2000, p. 41), e que provavelmente seria utilizada para o consumo de líquidos. Idêntica forma, mas de dimensões superiores, surge também no mesmo sítio (ARRUDA, 1999-2000, fig. 68 - n.º 4 e 5), assim como um recipiente de tendência esférica (ARRUDA, 1999-2000, fig. 68 - n.º 3),

integrando vasos utilizados para o armazenamento. Por último, resta referir a identificação, no conjunto do Teatro Romano de Lisboa, de um pequeno fragmento possivelmente pertencente a um jarro (CALADO *et alii*, 2013b, fig. 5 - n.º 26), não sendo possível, dado o seu estado de fragmentação, tecer outras aproximações morfológicas.

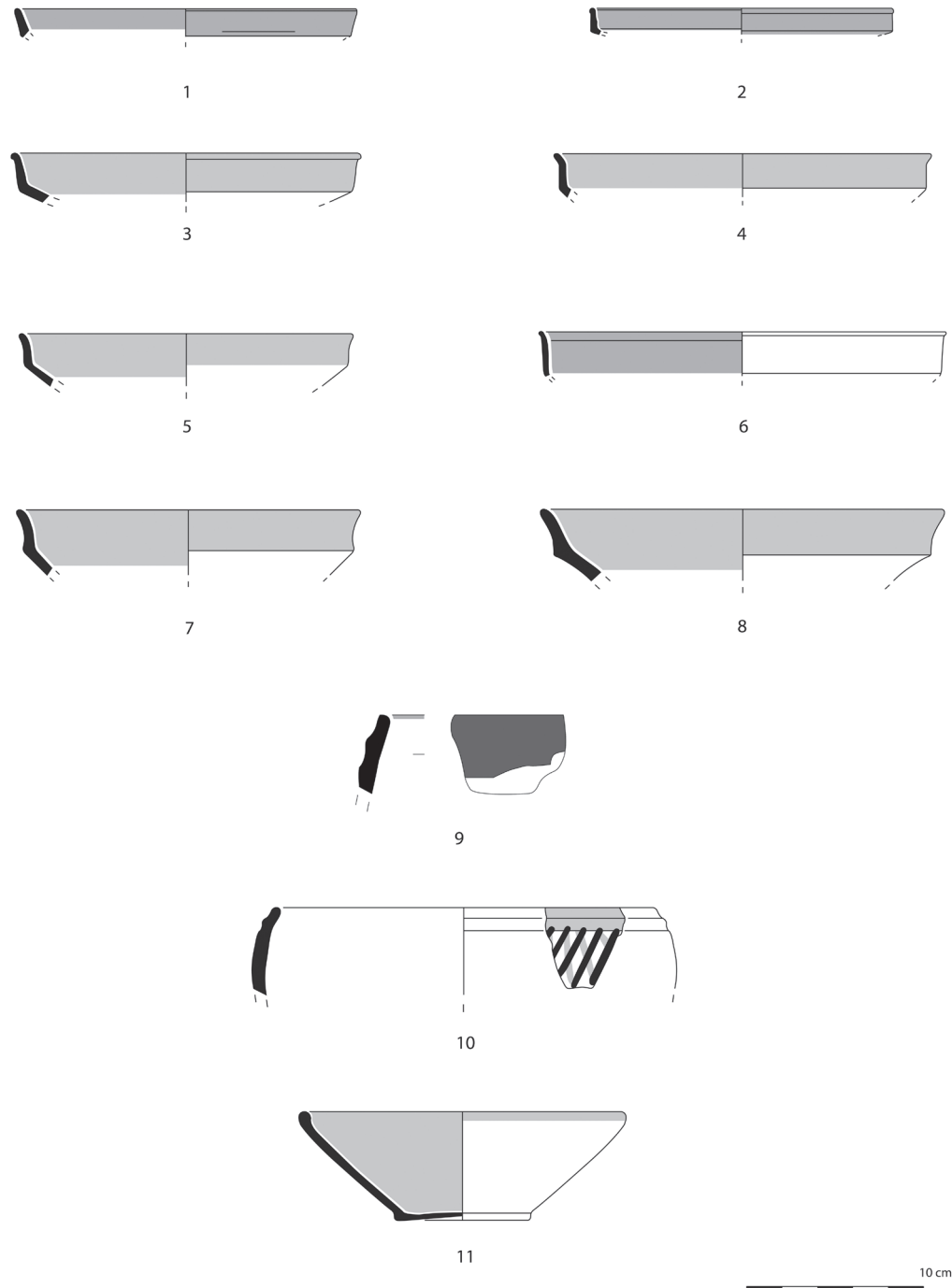


Figura 3 - Taças de cerâmica de engobe vermelho de Lisboa. Tipo C3, n.º 1 a 6; taças com carena muito pronunciada, n.º 7 e 8; tipo C1, n.º 9 e 10; tipo C4, n.º 11) (segundo Arruda, 1999-2000; Calado *et alii*, 2013b; Fernandes *et alii*, 2013; Pimenta, Silva, Calado, 2014; modificado).

Um pormenor ao qual deve ser dada particular importância diz respeito a certos aspectos decorativos destas produções. Durante esta fase mais antiga, observa-se uma relativa complexidade na aplicação de motivos pintados em algumas destas formas. Em alguns pratos, na zona interna do lábio, ao engobe vermelho sobrepõem-se linhas pintadas a negro, como se verifica em alguns exemplares da Sé de Lisboa (ARRUDA, 1999-2000, fig. 69 - n.º 1 e 2) e da Casa dos Bicos (PIMENTA, SOUSA, AMARO, 2015, fig. 8 - n.º 20). Num outro caso, uma taça decorada com caneluras do tipo C1 de Rufete Tomico do Teatro Romano de Lisboa (CALADO *et alii*, 2013b, fig. 5 - n.º 27), verifica-se o mesmo padrão, que, neste exemplar, forma um motivo reticulado na superfície externa do vaso. Uma outra particularidade do revestimento destas produções de engobe vermelho de Lisboa incide, como já foi referido, na inclusão, em vários exemplares, de aguadas ou engobes de tonalidade esbranquiçada que cobrem geralmente a zona exterior, na área deixada em reserva pela pintura vermelha.

#### 4. As produções dos meados do 1º milénio a.C.

É sobretudo a partir dos finais do século VI a.C. que se observa um desenvolvimento de cariz acentuadamente regional no quadro destas produções. Os primeiros sinais destas alterações remontam, como anteriormente foi referido, ao período precedente, tornando-se, contudo, mais expressivos a partir deste momento.

Para a caracterização desta fase contamos, sobretudo, com os dados recolhidos nas escavações da Rua dos Correiros, por terem proporcionado os conjuntos mais expressivos e variados das diferentes categorias cerâmicas conhecidas nesta fase (SOUSA, 2014). Os vasos de cerâmica de engobe vermelho são quantitativamente reduzidos (93 NMI - 3,17% do conjunto), mas o seu repertório é bastante variado.

Entre as formas abertas surgem, mais uma vez, as tigelas de perfil hemisférico ou parede ligeiramente convexa (Grupo 1A da Rua dos Correiros), de bordo simples e por vezes espessado, que perduram desde a fase

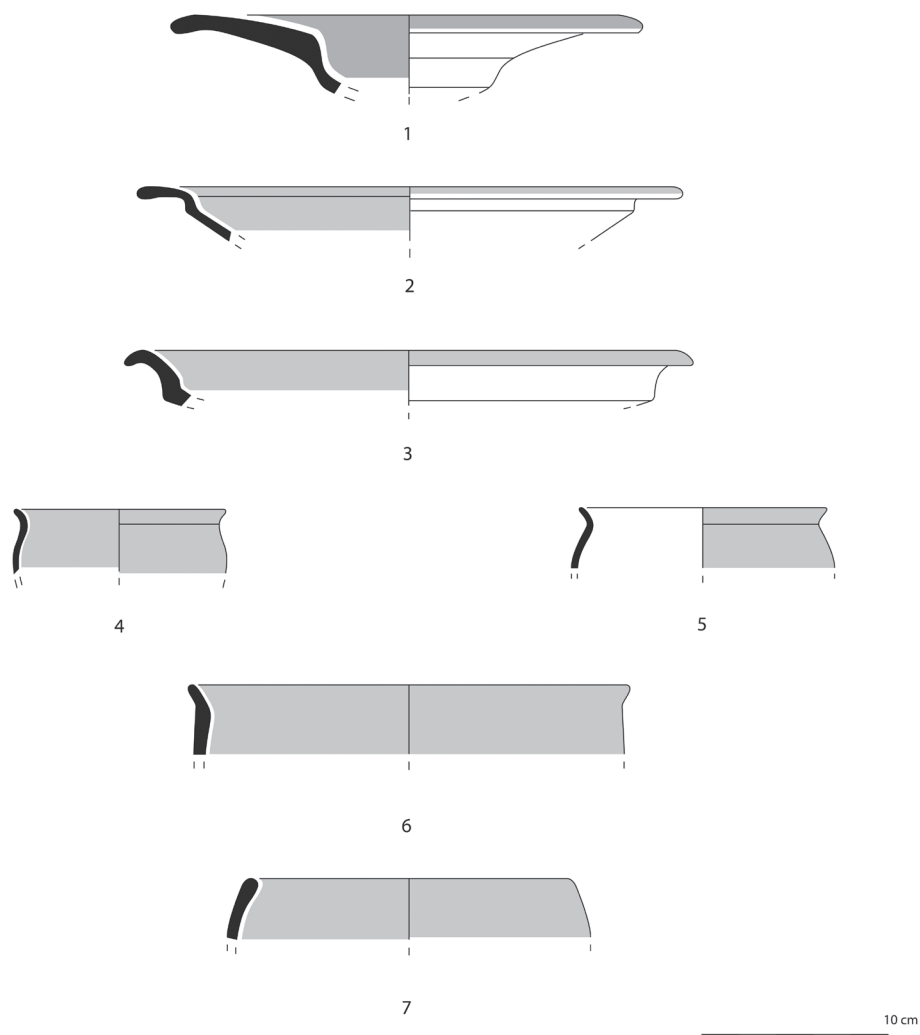


Figura 4 – Pratos e recipientes fechados de cerâmica de engobe vermelho de Lisboa. Prato de bordo aplanado, n.º 1; taças (?) de carena muito acentuada, n.º 2 a 3; pequenos potes, n.º 4 a 5; pote, n.º 6; vaso esférico, n.º 7 (segundo Arruda, 1999-2000; Calado *et alii*, 2013a; modificado).

anterior (tipo C4 de Rufete Tomico), enquanto que outras apresentam já um perfil marcadamente carenado e bordo esvertido (Grupo 1B), de marcado cariz regional.

Outros recipientes, um pouco mais profundos, foram incluídos no grupo das taças, podendo exibir, uma vez mais, perfis simples (Grupo 2A), carenados (Grupo 2B) e ainda bordos esvertidos (Grupo 2C).

Alguns pratos encontram-se também em clara linha de continuidade com as tendências da fase anterior, mantendo os bordos aplanados ou, em alguns casos, ligeiramente esvertidos (Grupo 3A). No entanto é neste momento que se intensifica a produção de outros com paredes mais horizontais que se desenvolvem numa carena, à qual se segue um bordo esvertido (Grupo 3B).

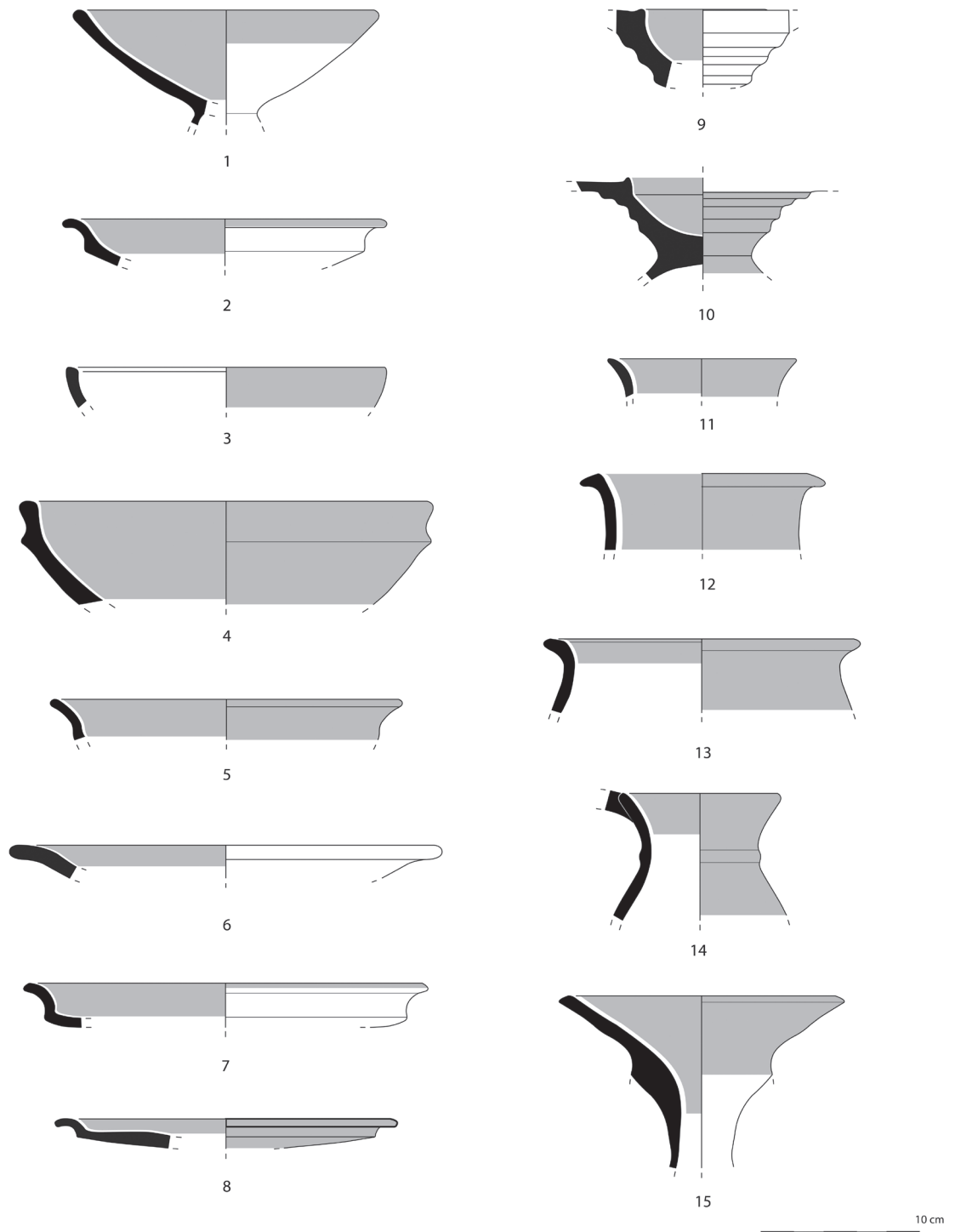


Figura 5 – Cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correiros. Grupo 1A, n.º 1; grupo 1B, n.º 2; grupo 2A, n.º 3; grupo 2B, n.º 4; 2C, n.º 5; grupo 3A, n.º 6; grupo 3B, n.º 7 e 8; grupo 4A, n.º 9 e 10; grupo 5A, n.º 11; grupo 6, n.º 12 e 13; grupo 7A, n.º 14; funil ou queimador, n.º 15) (segundo Calado et alii, 2013b; Sousa, 2014; modificado).

Esta última é, contudo, uma forma que apresenta algumas dificuldades na sua sistematização. Entre os materiais actualmente expostos no Núcleo Arqueológico do Castelo de São Jorge são visíveis elementos idênticos a estes que apresentam um perfil completo, e que terminam num fundo aplanado e rectilíneo, sem qualquer desenvolvimento da base. No entanto, os mesmos bordos podem corresponder também a páteras de pé alto e moldurado (Grupo 4A), como se observa pela existência de um destes recipientes na Quinta do Almaraz, em Almada (BARROS, CARDOSO, SABROSA, 1993, p. 180). Como tal, torna-se muito difícil a correcta classificação destes elementos na ausência de perfis completos. Não obstante, trata-se de formas que refletem, em qualquer das suas variantes, o cariz claramente regional das produções de engobe vermelho da área de Lisboa durante os meados do 1º milénio a.C. Sobre as páteras de pé moldurado cabe ainda referir que, para além da Rua dos Correeiros, esta morfologia foi identificada no conjunto da Casa dos Bicos (PIMENTA, SOUSA, AMARO, 2015, fig. 10 - n.º 26 e 27), no Pátio do Aljube (FERNANDES *et alii*, 2013, fig. 15 - n.º 24) e na Rua de São João da Praça (PIMENTA, CALADO, LEITÃO, 2014, fig. 4 n.º 20).

As formas fechadas são, tal como na fase anterior, menos frequentes. Documentam-se pequenos recipientes de tipo pote (Grupo 5A), que provavelmente evoluem de formas semelhantes documentadas, no período precedente, na Sé de Lisboa (ARRUDA, 1999-2000, fig. 68 - n.º 1 e 2), e também vasos de maior dimensão, utilizados eventualmente para funções de armazenagem (Grupo 6). Os jarros estão também presentes (Grupo 7A), exibindo uma boca circular, bordo esvertido e simples, e uma pequena saliência na zona central do colo.

Por último, deve-se registar, entre o conjunto da Rua dos Correeiros, a existência de uma peça de possível cariz sumptuário, que poderá corresponder a um tipo de funil ou ainda a um queimador (SOUSA, 2104).

## 5. Conclusão

A cerâmica de engobe vermelho de Lisboa terá sido, paralelamente às produções cinzentas, um elemento crucial no repertório do serviço de mesa. A aplicação dos revestimentos, polidos ao torno, que garantiam alguma impermeabilidade e menor aspereza, foram elementos que favoreceram esta utilização e que justificaram a sua preferência por parte dos antigos habitantes deste núcleo urbano.

Os dados disponíveis parecem indicar que o momento mais pujante desta produção ocorreu durante a fase orientalizante (final do século VIII/inícios do século VII até ao século VI a.C.), e que a sua importância diminuiu durante os meados do 1º milénio. O desaparecimento destes vasos parece ocorrer em momentos tardios da Idade do Ferro, possivelmente entre os finais do século IV a.C. e a centúria seguinte, sendo claro que esta produção cessa num momento anterior à chegada dos primeiros agentes romanos à região.

A alteração do repertório tipológico da cerâmica de engobe vermelho ao longo dos séculos proporciona dados interessantes no quadro das relações inter-regionais. Apesar de se tratar, na sua esmagadora maioria, de pro-

duções locais, é interessante verificar que as alterações morfológicas dos vasos de Lisboa seguem, em linhas gerais, uma evolução similar à que se observa em zonas mais meridionais, como é, por exemplo, o caso de Huelva (RUFETE TOMICO, 1988-1989). Nos pratos, observamos uma idêntica tendência no aumento dos diâmetros e da largura dos lábios, destacando-se ainda a introdução, em momentos mais avançados do século VII e também durante o século VI a.C., de novas morfologias que aparecem no sul andaluz, como é o caso das taças carenadas de bordo vertical, tigelas de perfil hemisférico, ou dos pratos com ranhura na zona externa do bordo, estes típicos da área de Cádiz. Todos estes indícios sugerem que as ligações entre o centro do litoral atlântico português e as zonas mais meridionais do território peninsular terão sido relativamente constantes durante o período orientalizante, permitindo uma absorção de novos protótipos, ideias e influências que se refletem no quadro da cultura material e, em particular, na cerâmica de engobe vermelho. É, sobretudo, a partir de finais do século VI a.C. que se verificam algumas tendências de carácter acentuadamente regional, que se irão acentuar no decurso da fase seguinte. Estas tendências observam-se particularmente na preferência e desenvolvimento de perfis carenados, que se tornam progressivamente mais acentuados, e também no aparecimento de pequenas formas fechadas, inspiradas nas produções locais de cerâmica cinzenta, possivelmente utilizadas no consumo de líquidos. A inovação mais interessante é, sem dúvida, a aparição das páteras de perfil carenado e pé alto e moldurado, recorrentes não só na cidade de Lisboa, mas também na área envolvente a partir dos meados do 1º milénio a.C. Apesar de se tratar de uma morfologia claramente regional deve, contudo, assinalar-se algumas semelhanças que apresenta com os pratos de pé alto da forma 2B da necrópole de Medellín (ALMAGRO-GORBEA, MEDEROS MARTÍN, TORRES ORTÍZ, 2008, pp. 600-603), que poderão refletir a existência de contactos inter-regionais com a área da Extremadura espanhola que, aliás, estão comprovados por outros elementos da cultura material (SOUSA, 2014, p. 308).

É curioso notar que entre o repertório até ao momento conhecido para a cerâmica de engobe vermelho de Lisboa se encontram ausentes elementos ligados à iluminação (lucernas). Apesar de se tratar de uma forma pouco frequente, esta surge com alguma regularidade em áreas mais meridionais. Tal ausência poderá, contudo, relacionar-se com o completo desconhecimento das áreas funerárias que terão servido a antiga *Olisipo*, uma vez que é sobretudo neste tipo de contextos que estes elementos são mais recorrentes.

## Bibliografia

- ALMAGRO-GORBEA, M.; MEDEROS, A.; TORRES, M. (2008): "Cerámica de barniz rojo", in ALMAGRO-GORBEA, M. (dir.), *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 593-622.

- ARRUDA, A. M. (1999-2000): *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Universidad.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V.; VALLEJO SÁNCHEZ, J. (2000): As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3- n.º 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 25-59.
- AUBET, M. E. (1976): La cerámica púnica de Setefilla. *Studia Archaeologica*, 42. Valladolid: Universidad, pp. 19-65.
- BARROS, L.; CARDOSO, J. L.; SABROSA, A. (1993): Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz – Almada. *Estudos Orientais*, IV. Lisboa: Instituto Oriental, pp. 143-181.
- CALADO, M.; ALMEIDA, L.; LEITÃO, V.; LEITÃO, M. (2013a): Cronologias absolutas para a Iª Idade do Ferro em Olisipo – o exemplo de uma ocupação em ambiente cársico na actual Rua da Judearia em Alfama. *Cira Arqueologia*, 2. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, pp. 118-132.
- CALADO, M.; PIMENTA, J.; FERNANDES, L.; FILIPE, V. (2013b): “Conjuntos cerâmicos da Idade do Ferro do Teatro Romano de Lisboa: as cerâmicas de engobe vermelho”, in ARNAUD, J.; MARTINS, A.; NEVES, C. (eds.), *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 641-649.
- CUADRADO, E. (1953): Materiales ibéricos: cerámica roja de procedência incierta. *Zephyrus*, IV. Salamanca: Universidad, pp. 265-310.
- CUADRADO, E. (1962): Cerámica Astitana de Barniz Rojo. In *VII Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: Universidad, pp. 385-408.
- CUADRADO, E. (1969): Origen y desarrollo de la cerámica de barniz rojo en el mundo tartésico. In *Tartessos y sus problemas. V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular (Jerez de la Frontera, 1968)*. Barcelona: Universidad, pp. 257-290.
- FERNANDES, L.; PIMENTA, J.; CALADO, M.; FILIPE, V. (2013): Ocupação sidérica na área envolvente do teatro romano de Lisboa: o Pátio do Aljube. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16. Lisboa: DGPC, pp. 167-185.
- FERNÁNDEZ FLORES, A.; RODRÍGUEZ AZOGUE, A. (2007): *Tartessos desvelado: Origen y ocaso de Tartessos*. Córdoba: Almuzara.
- FILIPE, V.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2014): Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa. O caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d'El Rei, in ARRUDA, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, vol. 2, pp. 736-747.
- MAASS-LINDEMANN, G. (1982): *Toscanos. Die westphönizische Niederlassung na der Mündung des Río Vélez. Grabungskampagne 1971 und die importdatierte westphönizische Grabkeramik des 7./6.Jhs. v. Chr. (Madri-der Forschungen, 6)*. Berlin.
- MAASS-LINDEMANN, G. (1983): Chorreras 1980. *Madri-der Mitteilungen*, 24. Heidelberg, pp. 76-103.
- MAASS-LINDEMANN, G. (1986): “Vasos fenícios de los siglos VIII-VI en España. Su procedência y posición dentro del mundo fenicio occidental”, in OLMO, G. e AUBET, M. E., *Los fenicios en la Península Ibérica*. Barcelona, pp. 227-239.
- MAASS-LINDEMANN, G. (1990): Orientalische Importe vom Morro de Mezquitilla. *Madri-der Mitteilungen*, 31. Heidelberg, pp. 169-177.
- MAASS-LINDEMANN, G. (1997): “La primera fase de la colonización fenicia en España según los hallazgos del Morro de Mezquitilla”, in AUBET, M. E. (coord.), *Los fenicios en Málaga*. Málaga: Universidad, pp. 63-86.
- MANCIBO DÁVALOS, J. (1996): La cerámica de barniz o engobe rojo de la Cuenca Baja del Guadalquivir. *Tabona*, IX. La Laguna: Universidad, pp. 353-378.
- NEGUERUELA, I. (1979-1980): Sobre la cerámica de engobe rojo en España. *Habis*, X-XI. Sevilla: Universidad, pp. 335-359.
- PIMENTA, J.; SILVA, R.; CALADO, M. (2014): “Sobre a ocupação pré-romana de Olisipo. A intervenção arqueológica urbana da Rua de São Mamede ao Caldas n.º 15”, in ARRUDA, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, vol. 2, pp. 712-723.
- PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2014): “Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça”, in ARRUDA, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. Vol. 2 (Estudos e Memórias, 6), Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, pp. 724-735.
- PIMENTA, J.; SOUSA, E.; AMARO, C. (2015): Sobre as mais antigas ocupações da Casa dos Bicos, Lisboa: da Olisipo pré-romana aos primeiros contactos com o mundo itálico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 18. Lisboa: DGPC, pp. 161-180.
- ROUILLARD, P.; GAILLEDROT, E.; SALA SELLÉS, F. (2007): *L'établissement protohistorique de La Fonteta (fin Ville – fin VIe siècle av. J.C.)*. Madrid: Casa de Velázquez.
- RUFETE TOMICO, P. (1988-89): Las ceramicas con engobe rojo de Huelva. *Huelva Arqueologica*, X-XI, 3. Huelva: Diputación Provincial, pp. 10-40.
- SCHUBART, H. (1976): Westphönizische teller. *Rivista di Studi Fenici*, IV. Roma: Fabrizio Serra Editore, pp. 179-196.
- SOUSA, E. (2014): *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- SOUSA, E.; PINTO, M. (2016): A ocupação da Idade do Ferro na colina do Castelo de São Jorge (Lisboa, Portugal): novos dados das escavações realizadas na Rua do Recolhimento/Beco do Leão. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa, 11, p. 59-67.
- SOUSA, E.; SARRAZOLA, A.; SIMÃO, I. (2016): Lisboa pré-romana: contributos das intervenções arqueológicas na Rua da Madalena. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa, 11, p. 69-79.
- TARRADELL, M. (1958): Notas acerca de la primera época de los fenicios en Marruecos. *Tamuda*, VI. Rabat: Université, pp. 71-88.
- TARRADELL, M. (1960): Nuevos datos sobre la cerámica prerromana de barniz rojo. *Hesperis-Tamuda*, I-2. Rabat: Université, pp. 235-252.
- TORRES ORTÍZ, M.; LÓPEZ ROSENDO, E.; GENER BALSALOTE, J. M.; NAVARRO GARCÍA, M. A.; PAJUELO SÁEZ, J. M. (2014): “El material cerámico de los contextos fenicios del “Teatro Cómico” de Cádiz: un análisis preliminar”, in BOTTO, M. (ed.), *Los Fenicios en la Bahía de Cádiz. Nuevas investigaciones*. Pisa-Roma: Fabrizio Serra Editore, pp. 51-82.